



TERRA DO MEIO: da Rio+20 à COP30

» Entrevista | **JOSÉ ROBERTO RODRIGUES PERES** | PESQUISADOR DA EMBRAPA

Ao CB. Agro, especialista falou sobre como a pesquisa agropecuária viabilizou a produção no bioma, garantindo alta produtividade em várias culturas, sem a necessidade de abertura de novas áreas de exploração

“Tecnologia sustentável nós temos no Cerrado”

» MANUELA SÁ*

As tecnologias que possibilitaram o desenvolvimento da agricultura e da pecuária no Distrito Federal e a sustentabilidade foram temas discutidos, ontem, no programa CB.Agro — parceria entre o **Correio Braziliense** e a TV Brasília. A entrevista é a primeira, de uma série sobre os 50 anos da Embrapa Cerrados,

que fica em Planaltina. Aos jornalistas Sibele Negromonte e Marcelo Agner, o pesquisador José Roberto Rodrigues Peres falou sobre como o desenvolvimento de tecnologias sustentáveis para o agronegócio tem ajudado na preservação do Cerrado. Confira, a seguir, os principais pontos da entrevista.

Quando o senhor chegou ao Distrito Federal, em 1975, o que encontrou em termos de agricultura e de pecuária?

Praticamente não existia agricultura no Cerrado. Havia arroz de sequeiro, de baixa tecnologia, e pecuária extensiva. O Brasil importava mais de 60% daquilo que consumia como alimento. A decisão do governo, à época, foi: 'Precisamos ser autossuficientes em alimento e vamos apostar no desenvolvimento do Cerrado'. Este bioma tem todas as características para produzir agricultura, mas faltava tecnologia. A Embrapa surgiu dessa necessidade de gerar técnicas agrícolas.

Hoje, o Cerrado tem uma das maiores produtividades do país em várias culturas. Como foi o trabalho para conquistar essa posição?

O Cerrado tem solo muito pobre, altamente intemperizado. Como ele é deficiente de todos os nutrientes necessários para o crescimento das plantas, começamos a pesquisa definindo quantidades de adubo necessárias para ter solo produtivo e com bom retorno econômico. Construímos o solo, mas, paralelamente, tínhamos que desenvolver o sistema de produção, porque, aqui, não existia praticamente nenhuma das culturas que cultivamos hoje. Passamos a desenvolver os sistemas de produção de soja, de milho, de trigo, de feijão e de arroz. Começamos a trabalhar em 1975 e foi uma evolução fantástica.

A soja foi um grande desafio? Por quê?

Só se plantava soja no Sul, com variedades vindas dos Estados Unidos, e ela tem uma grande sensibilidade à luz. Começamos um trabalho de melhoramento genético para desenvolver uma soja adaptada ao Cerrado. Ao mesmo tempo, tínhamos que desenvolver outros fatores de produção. Não só o solo, mas, também, a tolerância a pragas e a doenças. A principal tecnologia, que viabilizou esse grão, foi uma bactéria, chamada rizóbio, que fixa nitrogênio. Ela pega o nitrogênio do ar e transfere para a planta. Foi o que permitiu a “tropicalização da soja”.

Qual foi outra grande inovação desenvolvida?

No começo dos anos 2000, fizemos a integração do sistema produtivo e a chamamos de integração lavoura-pecuária e lavoura-pecuária-floresta. Numa mesma área, você produz grãos, carne e floresta, numa produção verticalizada. Nos anos 1980, nossa produtividade era em torno de 2 mil quilos por hectare de grãos. Hoje, com essa tecnologia, temos três safras e uma produtividade de 12 mil quilos por hectare de grãos e 12 arrobas de carne por hectare. É um sistema que chamamos de poupa-terra, pois evita a abertura de novas áreas para cultivo. No Cerrado, temos 28 milhões de hectares de pastagem degradada. É uma grande

Ed Alves CB/DA Press



oportunidade para transformar essa pastagem nesse sistema integrado de árvore, pecuária e floresta, que permite duplicar a produção agrícola do Brasil.

O Cerrado é um dos biomas mais ameaçados do país. Como, hoje, a Embrapa trabalha para manter a viabilidade da produção agrícola forte, em parceria com a sustentabilidade?

Esse é um grande desafio. Tecnologia sustentável a gente tem. Temos também um processo educativo para fazer com que os produtores utilizem boas práticas agrícolas. Nosso foco de pesquisa era avaliar os recursos naturais e socioeconômicos do Cerrado e aproveitá-los bem, tendo a produção em equilíbrio com o ecossistema. Desenvolvemos tecnologias para usar economicamente os próprios recursos. A Embrapa está correndo para ajudar a ir atrás do prejuízo do desmatamento no Cerrado com tecnologia de restauração das plantas nativas, tanto de área de preservação permanente quanto de área de reserva legal.

Estamos a poucos dias da COP30, evento em que o Brasil vai ser vitrine para o mundo. O que a experiência da Embrapa Cerrados pode mostrar durante esse evento?

Existem barreiras não tarifárias por desconhecimento da nossa competência em fazer agricultura sustentável. É a grande oportunidade de mostrar para o mundo que o Brasil, que o Cerrado, principalmente, é responsável pela segurança alimentar do planeta, produzindo sem degradar o meio ambiente. Essa é a grande mensagem que temos de levar com o setor do agronegócio. Estamos fazendo um grande evento,



Só se plantava soja no Sul e ela tem uma grande sensibilidade à luz. Começamos um trabalho de melhoramento genético para desenvolver uma soja adaptada ao Cerrado



Temos 28 milhões de hectares de pastagem degradada no Cerrado que podem ser integradas na produção de lavoura, pecuária e floresta



com exposição e vitrine tecnológica, dentro do nosso centro de pesquisa, para os visitantes tomarem consciência da nossa competência. E temos um grande desafio: boa parte da sociedade não conhece o que fazemos com a agricultura. Precisamos decodificar para os brasileiros e para a comunidade internacional.

Oito bacias hidrográficas do país nascem no Cerrado. É um desafio maior ainda a sustentabilidade, produzir e preservar essa água?

Das doze bacias hidrográficas do Brasil, oito nascem no Cerrado, como a do rio São Francisco, que da origem a várias bacias. Por isso, estamos fazendo uma ação muito forte para recuperar as nascentes e fazer a gestão dos recursos hídricos.

Que plantas nativas do Cerrado têm potencial para a produção em larga escala?

Temos várias espécies com potencial econômico. Não só a gente está domesticando, para produzir em monocultura, mas também para enriquecer o bioma dessas espécies. E tem mercado. O baru, por exemplo, o Brasil está exportando para os Estados Unidos e vai exportar para a Europa. Também estamos enriquecendo o bioma com as plantas nativas. Há uma vocação, tudo pode ser plantado no Cerrado. As condições climáticas nos permitem produzir tudo o que você pensar, em termos de produtos agrícolas, não só os tradicionais. O açaí, que se produzia no norte, com agricultor familiar, já estamos bem adiantados para daqui a dois anos estarmos comercializando essa fruta. Temos até oliveira para fazer azeite. A uva é um grande exemplo que

recentemente foi introduzido no Cerrado. Algo interessante é que todas as espécies de uva para vinho, produzimos no Cerrado com grande produtividade. Já ganhamos um prêmio internacional do vinho produzido com a uva daqui.

Como é feito o trabalho com a agricultura familiar?

A Embrapa é sempre questionada por trabalhar com o agronegócio, mas ela colabora com todas as categorias de produtores. Temos um trabalho, desde o início da empresa, focado na agricultura familiar. Mas a transferência de tecnologia para esse grupo é um desafio. Eu costumo dizer que o pé de milho que o pequeno produtor planta é o mesmo que o agronegócio planta. Entretanto, os agricultores são diferentes e têm que ser tratados de maneiras diferentes. Desenvolvemos uma grande metodologia de pesquisa participativa, que significa fazer a pesquisa junto com o agricultor. Muitas variedades de maracujá foram desenvolvidas assim na Embrapa Cerrados. A mandioca, cuja produtividade média no Brasil é em torno de 10 toneladas por hectare, chega a mais de 20 toneladas por hectare no DF, e foi desenvolvida em parceria com agricultores familiares. É quase uma obrigação não mais apenas gerar a tecnologia e entregar; é preciso fazer junto. O maior desafio é o governo, cada vez mais, criar programas direcionados ao agricultor familiar. Não adianta só ter o crédito. Precisamos de associações, das prefeituras envolvidas, da assistência técnica, da pesquisa desenvolvida e, aí sim, teremos sucesso.

*Estagiária sob supervisão de Eduardo Pinho